

Narrativas Ancestrais na Paisagem Digital¹

Marilaine Martins²

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Com a proposta de iniciar uma reflexão sobre a presença de narrativas ancestrais no mundo tecnomidiático, o artigo explora afetações no âmbito da experiência dentro das sociedades contemporâneas. Caracteriza-se como um recorte bibliográfico e entrecruza a noção de narrativa como uma 'brecha' do passado no futuro, discutida por Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman e as perspectivas da ideia de experiência trazida pelos autores. Juntamente com as concepções de Byung-Chul Han sobre o tempo, a transparência, o fim dos rituais e a imanência do igual na sociedade positiva.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa ancestral; Transposição digital; Experiência.

INTRODUÇÃO

Ao examinar o impacto das narrativas ancestrais transmitidas oralmente ao longo da história da humanidade é crucial ter em mente que essas histórias transcendem limites temporais e espaciais, ressoando em diversas culturas e conectando a humanidade na busca por significados e compreensões (CAMPBELL, 1989). Denominadas de mitos primordiais, sagas ancestrais e tradições orais, essas narrativas, transmitidas de boca a ouvido através dos séculos, apresentam diferentes nomes em diversos contextos culturais e históricos, refletindo a riqueza da diversidade humana. Por meio da oralidade, os contadores de histórias, reconhecidos pela habilidade em preservar e transmitir narrativas através do tempo desempenharam papel fundamental na construção da compreensão das sociedades sobre o mundo (MATOS, 2005).

Como objetivo de iniciar uma pesquisa acerca das afetações potencializadas pela presença das narrativas ancestrais no mundo tecnomidiático, o artigo se propõe à reflexão das seguintes problemáticas: Como a transposição de narrativas ancestrais para o meio digital impacta o conceito da experiência? Como esse fenômeno se manifesta nas interações contemporâneas com essa forma narrativa?

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Mestranda do Programa de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, email: mari.mcamargo@gmail.com.

Como abordagem metodológica, o artigo se caracteriza como um recorte bibliográfico que destaca autores cujas contribuições são fundamentais para a compreensão dos conceitos de experiência, reprodutibilidade, transposição e sociedade moderna. Walter Benjamin (1987) e Georges Didi-Huberman (2011) emergem como figuras-chave, trazendo *insights* importantes sobre a experiência narrativa como uma “brecha” que conecta o passado ao futuro, com reflexões que oferecem uma perspectiva sobre a construção do significado no tecido temporal da narrativa. Além disso, destaca-se a importância das concepções de Byung-Chul Han (2017) para a compreensão das dinâmicas contemporâneas.

A experiência tradicional

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação”, escreve Walter Benjamin (1987) em “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” em 1936. Benjamin observa a narrativa oral com capacidade de transmitir saberes “de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescemos” gerando conexões entre o passado, o presente e o futuro. Em seu ensaio “Experiência e pobreza” de 1933, evidencia como tais narrativas em versões aparentemente simples, deixam de ser apenas contos de entretenimento ou relatos históricos e dada a carga de simbolismo que carregam consigo se transformam em veículos capazes de transmitir vivências para um futuro imaginado (BENJAMIN, 1987). Para além da concepção onde a própria mensagem tem sua capacidade adaptativa propiciada pela experiência simbólica, o autor observa a vivência tanto pelo contador como pelo ouvinte da história também como partes que compõem a narrativa.

Torna-se crucial aqui considerar a análise de Walter Benjamin em relação à reprodutibilidade técnica, fenômeno que para ele marca o fim da “aura”. A “aura”, segundo Benjamin, é a autenticidade e singularidade inerentes a uma obra de arte original; e a reprodutibilidade técnica, ao multiplicar cópias idênticas destitui essa “aura”. Reflexão essa, que é estendida ao universo da narrativa oral. Quando a narrativa deixa de ser fundamentada apenas na oralidade ela também pode perder sua “aura”, sua singularidade e autenticidade. Que estão intrinsecamente ligadas à experiência que acontece da conexão direta do narrador e do ouvinte (BENJAMIN, 1987).

A compreensão de Benjamin sobre as histórias fundamentadas na oralidade destaca sua essência única de autenticidade e potência diante da experiência que a mesma proporciona e que para se estabelecer permeia uma estrutura anterior e posterior ao momento em que o contato entre contador e ouvinte acontece (BENJAMIN, 1987). Ao expandir a narrativa para além desse formato, surge o risco de diluir essa autenticidade e singularidade e a mesma existir em um campo onde a aura não se faz presente. Assemelhando-se ao que ocorre com a obra de arte diante da reprodutibilidade técnica.

No entanto, no confronto entre a aparente trivialidade das experiências cotidianas narradas e os grandes eventos e marcos históricos, conforme analisado por Didi-Huberman (2011), emerge uma oportunidade. Essa oportunidade não apenas impulsiona a resistência, mas também incita a preservação do que verdadeiramente tem importância. “Compreende-se então, que uma experiência interior, por mais “subjetiva”, por mais “obscura” que seja, pode aparecer como um lampejo para o outro, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.135). Nesse diálogo entre a preocupação inicial de Benjamin com a preservação da singularidade na disseminação e a ênfase de Didi-Huberman na valorização das experiências aparentemente simples, delinea-se uma busca comum pela autenticidade na narrativa, independentemente das formas de transmissão.

A experiência que resiste sob a luz dos holofotes

Ao refletir sobre a experiência humana transformada no contexto do neocapitalismo e do novo fascismo italiano - através da metáfora do desaparecimento dos vaga-lumes - Pier Pasolini retratou mudanças profundas observadas por ele na sociedade ao longo do tempo. “No início dos anos de 1960, devido à poluição da atmosfera e, sobretudo, no campo, por causa da poluição da água (rios azuis e canais límpidos), os vaga-lumes começaram a desaparecer. (...) Após alguns anos, não havia mais vaga-lume” (*apud* DIDI-HUBERMAN, 2011, p.27 e 28)³.

Didi-Huberman (2011), ao retomar as inquietações de Pasolini através da mesma metáfora, sugere que apesar da aparente ausência de percepção, a sobrevivência da

³ PASOLINI, P.P. L'articolo delle lucciole (1975). In: Saggi sulla politica e sulla società. W. Siti et S. De Laude (éd.). Milão: Arnoldo Mondadori, 1999. p. 405. Trad. P. Guilhon. L'article des lucioles. In: _____. Écrits corsaires. Paris: Flammarion, 1976 (éd. 2005). p. 181.

espécie e a continuidade dos momentos excepcionais persistem. Num convite para que o espectador reconsidere sua própria posição e busque uma nova perspectiva para contemplar as luzes que ainda perduram nas artes e na poesia. “Seria bem mais junto dizer que eles “se vão”, pura e simplesmente. (...). Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o lugar para vê-los” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.47).

Para o autor, as luzes que persistem desafiam a visão limitada do espectador, que pode perdê-las apenas ao renunciar a segui-las. A metáfora dos vaga-lumes em processo de desaparecimento na sociedade de consumo reflete a ideia de Benjamin sobre a transformação da arte em mercadoria e a consequente perda da experiência estética (BENJAMIN, 1987). Ambos os discursos, pertencentes a ordem da construção de uma crítica a crise política encontram no esforço de Didi-Huberman ao dialogar com a desesperança de Pasoline. Um “aceno discreto” de um possível futuro onde os vagalumes sobrevivem. Ainda que para isso, se faça necessário o esforço de imaginação, da preservação das memórias e a consideração da imanência do tempo histórico. “A imaginação é política, eis o que é preciso levar em consideração” (DIDI-HUBERMAN p.61).

Experiência do vazio?

Ao examinar os fenômenos contemporâneos, Byung-chul Han observa que a experiência assume uma dinâmica caracterizada pela hiperatividade, hiperprodução e hipercomunicação. A incessante busca por exposição e visibilidade aliada à ausência de rituais e espaços para a diversidade, configura as experiências em um ambiente no qual a ênfase na visibilidade imediata prejudica a profundidade e autenticidade. “As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação” (HAN, 2017, p.09).

No contexto dessa dinâmica, Han destaca a aceleração no processo de vida, que substitui a narratividade enquanto elemento estruturante da experiência por uma acumulação frenética de produtos, imagens e informações. Diante da transparência, a narrativa assume uma superfície desprovida de sua capacidade de seleção e de conter a disseminação do igual. Em contraponto à análise de Benjamin (1987) sobre a aura nas obras de arte, percebe-se nas observações de Han (2017) que as experiências

contemporâneas perdem sua singularidade, assim como a memória, submetendo-se à busca desenfreada por visibilidade imediata e à saturação informacional. Dessa forma, as experiências são moldadas pela dinâmica da sociedade da transparência, influenciando a maneira homogênea como os indivíduos vivenciam e compartilham suas vidas.

CONSIDERAÇÕES

Analisar a integração das narrativas ancestrais na paisagem digital requer compreender que a expansão tecnológica não apenas reconfigura as maneiras de contar histórias, mas também se apresenta como um suporte (MANOVICH, 2001). Proporcionando não apenas novos modos narrativos, mas também uma ampliação do âmbito relacionado à transmissão e interpretação das narrativas.

Do diálogo realizado entre Didi-Huberman, Benjamin e Han ao considerar a presença das narrativas ancestrais na paisagem digital surgem dois principais apontamentos: 1) a convergência entre tradição e inovação, enquanto terreno fértil não apenas para resistir a um sistema que busca anular espaços de experiências significativas, mas também como remodeladora da própria natureza dessas experiências; 2) a metamorfose contínua e as diversas formas narrativas em um contexto digital em constante evolução, moldando não apenas a narrativa em si, mas a maneira como ela é vivenciada. Redefinindo assim a própria ideia de experiência na sociedade contemporânea.

A convergência entre tradição e inovação, manifestada em plataformas contemporâneas inspira uma discussão significativa sobre a narrativa digital e suas implicações nas possibilidades de se contar histórias. Esta convergência não apenas responde à ameaça da homogeneização, mas atua como uma força dinâmica que transcende as barreiras do tempo e do espaço, permitindo o acesso a conteúdos previamente inacessíveis e oferecendo novas possibilidades para a preservação cultural.

Em segundo lugar, a metamorfose contínua e as múltiplas formas narrativas no contexto digital em constante evolução não apenas transformam a natureza com que se conta e ouve histórias, mas também inspiram uma reconfiguração dinâmica da experiência. Este fenômeno transcende a mera transformação da narrativa em si; exerce uma profunda influência sobre como essas narrativas são vivenciadas. A sociedade

contemporânea não se depara apenas com novas histórias, mas sim com uma metamorfose na maneira de absorver, interpretar e interagir com essas narrativas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Experiência e pobreza.** In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.114-119.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica.** In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.165-196.

BENJAMIN, W. **O narrador.** Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.197-221.

CAMPBELL, J. **O herói de mil fases.** São Paulo: Pensamento, 1989.

DIDI-HUBERMEN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência.** Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

MANOVICH, L. **The Language of New Media.** Cambridge: MIT Press, 2001.

MATOS, G. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MURRAY, J. **Hamlet no Holodeck.** São Paulo: Unesp, 2003.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita.** Campinas: Papyrus, 1998.